



“Quintetos” - Cláudio Garrudo

7 Fevereiro / 31 Outubro 2015

Casa das Mudanças

Celebração do incontornável

Das montanhas escreveu Hegel que “nada havia a dizer”. Paradoxal confissão da aparente impotência do Filósofo para quem todo o real era racional e, todo o racional, real. Diante do espectáculo da montanha, da sua hiper-realidade, confessou ele que só cabia dizer: estão aqui.

As imagens de Cláudio Garrudo não falam dessa espécie de transcendência opaca e irreductível da Natureza que nenhum verbo pode exprimir porque está aquém dele. Limitam-se a mostrar, ao contrário, a natural sobre-exposição das suas formas mais originais. E, para além delas, da espécie de música — melhor seria dizer, vida —, e mesmo super-vida, do que à primeira vista se oferece como o inanimado, o impenetrável, a pura coisa, para sempre enigmática.

Desde sempre os homens tentaram ler o cosmos de que são parte e assim a si mesmos se lerem. Pelo menos decifram e desenharam as imagens que os fascinavam nas paredes das Altamiras em que se abrigavam, antecipando as sistinas futuras. Mas só a aventura ainda mais futurante do seu conhecimento novo do mundo que as suas invenções lhe permitiram, lhe revelaram ou lhe deram acesso ao coração das coisas até então inacessível. Da luneta de Galileu ao microscópio, ao brinquedo da posteridade mágica da fotografia, um novo imaginário fabricaram como se através deles fôssemos os senhores efectivos de um mundo que não criámos. Assim passámos uma espécie de equador mais intransponível que o do oceano real para uma viagem, por assim dizer, ao mesmo tempo à sua superfície e no seu interior.

As imagens do Cláudio Garrudo são como “flashes” no coração do real que deixou de ser pura opacidade para se tornar um gigantesco “maelstrom” feito de explosões análogas às de matéria sub-atómica, simulacros de vida autêntica, imagens de subtis florestas petrificadas e labirínticas, puros efeitos da sua realidade luminosa e, não

natureza por assim dizer “morta”. Ou, em todo caso, realidade para sempre reduzida ao seu enigma, ao seu silêncio. E para nós, nada de aquilo nos define melhor como seres à busca de si mesmos.

Nestas singulares imagens é aquilo que não tem “nome” como aquele que por conta própria baptizámos por conselho de Deus segundo a Bíblia, que fulgura com uma exuberância paradoxal. Afinal, a essência mesma da realidade — mesmo a que não pode ser falada — aqui se manifesta pela sua visível e literal irradiação.

Eduardo Lourenço
Lisboa, Abril 2014

“Há metafísica bastante em não pensar em nada”

Nesta quarta exposição individual na Galeria das Salgadeiras, Cláudio Garrudo apresenta uma série de fotografias em torno da sua descoberta da Natureza, num território que até agora, e apenas em certa medida, lhe é menos previsível sendo, nesse sentido, uma agradável surpresa. Agradável porque é precisamente esse um dos intuitos desta série: o de suscitar o prazer dos olhos e dos restantes sentidos ao olharmos para estas árvores, para o céu, para essa imensidão da Natureza, captada de baixo, em cinco momentos distintos e contínuos. A juntar este cariz hedonista, a surpresa que intensifica a experiência: depois de diversas séries focadas no corpo, como *Borderline* e *Vénus*, ou mesmo em *Empty Beds* — ainda que aqui por uma presença apenas ficcionada, Cláudio Garrudo apresenta estes Quintetos como uma acto de libertação do corpo, da sua memória e do seu referente. Deixamos de ver ou adivinhar o corpo, passamos, nós, espectadores, a ser o Corpo, ao entrar nestas paisagens e nos diluirmos nelas. É neste ponto que o trabalho de Cláudio Garrudo recupera a sua coerência e persiste numa continuidade autoral: convida o espectador, o observador, a entrar na obra, a espreitar um pouco mais além, a deixar-se seduzir pelas sensações do desconhecido, do belo, do sublime. O mistério, esse, continua lá... Há como que uma camada, ou melhor uma diversidade de camadas, provocada por estas múltiplas-exposições, cinco disparos num mesmo registo, congelando-os num único instante. Se por um lado, Quintetos explora esse lado mais aleatório da sobreposição e que regista o “objecto” de forma quase surreal, por outro acentua a relação que Cláudio Garrudo tem explorado entre a Fotografia e a Pintura: depois do tempo, da composição pictórica e do cromatismo, o gesto induzido pelo movimento da câmara. Um gesto marcado em cinco momentos, ou não fosse o cinco o número que representa a liberdade, a revolução, a transgressão.

«Que metafísica têm aquelas árvores? [...] Mas que melhor metafísica que a delas / Que é a de não saber para que vivem / Nem saber o que não sabem? [...]» de um poema de Alberto Caeiro chamado “Há metafísica bastante em não pensar em nada”. Pois bem, sigamos o poeta: não pensemos, não acreditemos nem em Deus, nem no “sentido íntimo das cousas”. Pensemos em nada. Abramos os olhos para ver, reparar, sentir a luz. “Não a luz do sol, mas a luz do espírito, o nous”.

Ana Matos
Lisboa, Abril 2014



“Quintets” - Cláudio Garrudo

7 February / 31 October 2015

Casa das Mudanças

“To Not Think of Anything is Metaphysics Enough”

In his fourth exhibition at Galeria das Salgadeiras, Cláudio Garrudo presents a series of photos about his discovery of the Nature, in a territory that, until now, and only to a certain extent, is less predictable to him, being, in that sense, a pleasant surprise. Pleasant because that it is precisely one of the intents of the series: of arising the pleasure of then eyes and the remaining senses in looking at these trees, at the sky, at that immensity of the Nature, captured from below, in five distinct and continuous moments. Added to this hedonist nature, is the surprise that intensifies the experience: after several series focused on the body, as “Borderline” and “Venus”, or even “Empty Beds” — even though by a fictional presence, Cláudio Garrudo presents these Quintets as an act of liberation from the body, from its memory and referent.

We no longer see or guess the body, we begin, us, spectators, to be the Body, by entering into these landscapes and diluting ourselves in them. It is in this point that Cláudio Garrudo’s work recovers its coherency and persists in an authorial continuity: it invites the spectator, the observer, to enter into the work, to peek a little further, to let himself seduce by the feelings of the unknown, of the beauty, of the sublime. The mystery, that one, is kept there... There is like a layer, or better, a diversity of layers, caused by the multiple exposures, five shots in the same register, frozen into a single moment. If on the one hand, Quintets explores that more random side of the superposition and records the “object” in an almost surreal way, on the other hand it stresses the relation that Cláudio Garrudo has been exploring between Photography and Painting: after the time, the pictorial composition, and the chromatism, the gesture induced by the camera movement. A gesture printed in five moments, or wouldn’t it be the five the number that represents freedom, revolution, and transgression. «Metaphysics? What metaphysics do those trees have? [...] But what better metaphysics than theirs, / Which

consists in not knowing why they live / And in not knowing that they don't know? [...]» of a poem by Alberto Caeiro called "To Not Think of Anything is Metaphysics Enough". Well then, let's follow the poet: let's not think, not believe neither in God nor in the "the intimate meaning of things". Let's think of nothing. Let's open the eyes to see, notice, and feel the light. "Not the sunlight, but the light of the spirit, the nous".

Ana Matos
Lisboa, April 2014